



Padrão (*template*) para submissão de trabalhos ao XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação:

Da transmissão da informação à auto-organização das linguagens:
problematizando os modelos teóricos para o estudo da comunicação¹

Irene Machado²

PEPG em Comunicação e Semiótica – PUC-SP

Resumo

Resumo

Quanto mais a linguagem se revela potencialmente criadora e diversificada, menos se presta à expressão de situações já dadas. Ela própria torna-se constituinte do que é total ou parcialmente criado no processo comunicacional. Diante desse fato, a revisão crítica do diagrama espacial da comunicação não é apenas uma forma de proceder ajustes conceituais e teóricos. Trata-se de uma possibilidade de rever o alcance das bases de um modelo teórico face a um quadro de mudanças das relações sócio-culturais bem como das mediações a partir das quais a diversidade de códigos constrói linguagens. Em vez de focalizar a semiose original, a emergência do sentido, o processo de comunicação se orienta pela modelização das mensagens; em vez de transmissão da informação, surgem a recodificação e o processamento de dados e de signos. Configura-se um espaço semiótico contínuo e de auto-organização de linguagens que reivindica outros modos de pensar comunicação.

Palavras-chave

Palavras-chave: transmissão, auto-organização, diagrama espacial da comunicação, semiótica da cultura

Corpo do trabalho

Transmissão da informação e transporte de modelos teóricos

O processo de transmissão da informação foi um dos temas que, sem dúvida alguma, uniu campos teóricos com diferentes objetivos de pesquisa. Da engenharia à comunicação; da lingüística à antropologia; da semiótica à da cibernética e à teoria geral dos sistemas. Objetivos diferentes rumo à compreensão de um mesmo objeto: o fenômeno da comunicação. Devemos ao engenheiro Claude E. Shannon e ao

¹ Trabalho submetido ao NP 15 - Semiótica da Comunicação.

² Professora de Semiótica da Cultura; autora de, entre outros livros, Escola de Semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura (São Paulo: Ateliê Editorial, 2003); de artigos “Semiótica como teoria da comunicação”, “As mídias e seus precursores”, “O ponto de vista semiótico”. Editora de Galáxia



matemático W. Weaver a formulação do modelo que resultou na teoria matemática da informação e da comunicação que passou a orientar as pesquisas no campo da engenharia da linguagem, abrigo natural da teoria da informação e da comunicação, da cibernética, da teoria dos sistemas. Nesse campo se consagrou a noção de transmissão como transporte eficiente de informação, fundado no controle da entropia e na eliminação do ruído, graças ao qual se difundiu o diagrama espacial da comunicação que, tornado síntese do processo de transmissão, serviu de base para tanto para os estudos sobre a teoria da comunicação social interpessoal ou mediada por veículos tecnológicos. Trata-se de um modelo teórico cuja preocupação fundamental é a engenharia da transmissão eficiente de sinais.

Se devemos à matemática a consolidação de um modelo abstrato de base da teoria das transmissões da informação, devemos à lingüística a legitimação deste modelo para a compreensão do processo de transmissão de mensagens na esfera sócio-cultural. Razões para isso não faltam. Ciência primordial da linguagem verbal humana, cujas conquistas ao longo do século XX são inegáveis, a lingüística entende que linguagem é privilégio exclusivo da língua que detém sozinha a capacidade de expressão das idéias, do pensamento e da sociabilidade humana. Isso porque, condicionando o processo de comunicação à codificação e decodificação de um código único, comum a emissor e receptor, o modelo de transmissão de informação se adaptou perfeitamente à troca de mensagens na vida sócio-cultural, configurando um processo muito próximo do modelo abstrato da matemática. A lingüística consagrou, assim, um diagrama espacial onde a transmissão de informação obedece a um transporte unidirecional que posiciona os interlocutores em papéis invariáveis e, com isso, acredita garantir a eficácia da comunicação.

Aceito sem nenhum questionamento, tal diagrama tem servido de instrumento de análise a toda e qualquer relação de troca na interação social. Nem mesmo o desenvolvimento dos meios de comunicação cogitou a adequação e propriedade do diagrama formulado no campo da teoria matemática da informação e da comunicação e, portanto, como um modelo abstrato para representar a engenharia do processo de transmissão. Com base nesse modelo se constituíram, além da lingüística, campos diferenciados como teoria da comunicação, teoria dos meios e mediações, análise do discurso, estudos de recepção, planejamento e marketing, linguagem publicitária, para



citar alguns. O diagrama espacial da comunicação foi transportado para todas as áreas de produção comunicativa, independentemente de haver ou não linguagem verbal. Afinal, tanto para o processo antropológico quanto para o cibernético, a troca de informação não pode prescindir da transmissão. Por isso, a legitimidade do processo de transmissão da informação estaria fora de qualquer suspeita.

O questionamento de um modelo conceitual consagrado por uma certa tradição teórica é sempre bastante arriscado. Porém, quando é a única saída para abrir caminhos e acolher novas manifestações e descobertas, bem como compreender o redirecionamento de interpretações que testam novas hipóteses, não há como não correr o risco. É isso que julgo conveniente examinar ao propor a revisão crítica do diagrama espacial da comunicação e também da metáfora do transporte (Sonesson, 1999: 88 e segs.) no quadro da comunicação na cultura. O ponto de partida é a urgente necessidade de distinguir os sinais dos signos. Do ponto de vista da semiótica, os sinais são transformações de energia que garantem que aquilo que foi codificado possa ser decodificado; já os signos que sustentam o processo comunicativo são relações cognitivas ou culturais de significação. Os participantes da cena interativa não são interlocutores posicionados em função de papéis definidos, seja como codificadores ou decodificadores de sinais, mas agentes, sujeitos de linguagens cuja ação primordial é a produção de signos graças à circulação de linguagens. A comunicação cultural não produz mensagens em conformidade com o quadro diagramático da transmissão da informação e de sinais, tal como no modelo abstrato que fundamentou o pensamento matemático. Logo, qual é a vantagem desse transporte de teoria para o estudo dos mais diferentes processos e linguagens da comunicação?

O diagrama espacial delimitado pelo processo da codificação e decodificação, assentado na unidirecionalidade do código único, só parcialmente alcançou aspectos importantes da comunicação na cultura, sobretudo dos processos mediados. Muitos aspectos importantes ficaram de fora para não falar no reducionismo da noção de código, de recepção e de total ausência da semiose. Vou citar um exemplo singelo.

Enquanto a literatura e tudo o que gravita em torno dela consagrou a cultura letrada e o homem leitor – aquele que lê obras literárias, frequenta teatro, admira a pintura de grandes mestres, aprecia ópera e concertos sinfônicos – os meios de comunicação de massa consagraram o homem consumidor de bens produzidos pela indústria cultural. Se o jornal impresso e o cinema cativaram de um modo ou de outro o homem leitor, a mesma sorte não coube ao rádio e pela televisão, meios orais por



excelência. Diferentemente do homem de letras, que é uma espécie cuja condição letrada depende do desenvolvimento de competências semióticas de signos (verbais, visuais, espaciais, sonoros, cinéticos), o homem consumidor da cultura de massa é apenas um espectador passivo. Dele se exige tão somente audição, visão e um mínimo de capacidade de compreensão do que os outros falam.

Paradoxalmente, a tendência majoritária no estudo dos meios nunca reivindicou o exame de competências semióticas dos meios, como bem alertara Umberto Eco. É como se os meios não fossem produtores de linguagem que precisam ser aprendidas e seus produtos, os programas de entretenimento, de informação, de documentação, não resultassem de negociações semióticas entre códigos que estão longe de serem emissão de uma única fonte. Em vez disso, optou-se pela crença no usuário como consumidor alienado e receptor passivo de bens produzidos em larga escala pelos magnatas do entretenimento. Os estudos nessa área seguiram o caminho da análise dos conteúdos, dos discursos políticos, dos comportamentos, do consumo, da propaganda e do marketing. Quem tentou enveredar pelo campo da gestão do conhecimento, caso de Marshall McLuhan, Harold Innis, Walter Ong, Erick Havelock, não foi muito bem acolhido e uma farta produção teórica dessa área continua praticamente desconhecida. Por isso, em que pese o exagero, o diagrama espacial reduziu o estudo da mensagem ao eixo da produção e da recepção fundado na compreensão mínima de um código prioritariamente verbal. Desafortunadamente, os estudos sobre mediação (objeto das pesquisas de Jesus Martin-Barbero) acabaram favorecendo o modelo diagramático: em nenhum momento valorizou a dimensão semiótica das mediações – aquela da produtividade sígnica – direcionada para a focalização dos espaços semióticos das diferentes linguagens da comunicação, para a produção coletiva de códigos, signos em ambientes culturais de interação, troca, circulação e, sobretudo, intervenção.

Para teóricos preocupados com tais questões, o pensamento firmado na individualidade do meio retoma o diagrama desenhado pela centralidade do código único. Torna-se insuficiente diante da declarada “conspiração dos meios”. Para Lourenço Vilches (2003), o desencadeante dessa conspiração foi a migração digital que fez emergir conexões e interações inusitadas, desordenadas, desarticuladoras do suposto quadro unidirecional. Assim, a comunicação processada em rede, os novos formatos, espaços e formas de circulação de signos passam a reivindicar outros modelos teóricos, capazes de ir além do diagrama espacial e do transporte que não contavam com as telecomunicações, nem com as redes telemáticas e menos ainda com ambientes de



convergência. Ao estudioso, restam poucas saídas. Ou nos empenhamos em compreender o caráter de tais modificações, assumindo a produção de pensamentos coerentes com o estágio cultural, ou ficaremos à margem, agarrados a modelos teóricos inoperantes e a ruminar posicionamentos estéreis. Isso porque, “a maioria das teorias pertencentes à tradição da pesquisa em comunicação encontram-se defasadas para oferecer respostas conceituais frente à emergência dos novos meios”, alerta Vilches. Para ele, “se quisermos impedir o colapso da crítica frente ao bombardeio do marketing como única resposta às perguntas sobre os efeitos sociais dos novos meios” é urgente renovar a conceituação (Vilches, 2003: 182).

Se um dos objetivos da pesquisa em comunicação é a busca do conhecimento atualizado do campo levado pela própria dinâmica do sistema cultural, para que possa desempenhar, a partir dela, uma atuação competente – seja no ensino ou na profissão –, é hora de rever as bases dos modelos teóricos que têm servido de fundamento para a própria pesquisa para que a sistematização teórica das novas diretrizes conceituais não caia no vazio. A problematização do modelo diagramático é imprescindível para a compreensão da abordagem semiótica da comunicação onde a organização das mensagens depende, prioritariamente, do funcionamento da linguagem de sistemas semióticos em operação nos ambientes culturais.

A organização das mensagens como semiose

Para a engenharia da comunicação, a eficácia da transmissão é garantida pelo transporte de sinais que os engenheiros chamam de mensagens. O transporte do modelo teórico entende a transmissão de sinais como apenas uma ação física criadora condições para a circulação de signos organizados em linguagem cuja finalidade é a produção de significação, de sentido. Não existe distinção entre sinais e signos.

Contudo, na comunicação social, mensagem é processo sógnico de produção de sentidos. Envolve cognição. Para que haja comunicação é preciso que as mensagens estejam organizadas de alguma forma, isto é, a partir de algum sistema de signos. Uma vez organizado, o sistema se configura em linguagem. A compreensão da comunicação como funcionamento organizado de signos em linguagem foge do campo da engenharia e torna-se objeto de estudo do que temos chamado de semiótica da comunicação. Para essa área de pesquisa, a produção das mensagens é o alvo do estudo semiótico uma vez que a diversidade de sistemas de signos acionam diferentes mediações e possibilidades



dialógicas. Nesse caso, em vez de transmissão estamos diante de diferentes processo de interação de linguagem.

Disso estava ciente Eduardo Neiva ao explicitar o caráter semiótico do processo comunicacional e a produção de mensagens como semiose. Para ele, “as mensagens são funções relacionais que combinam signos ou conjunto de signos a outros signos; permitem a referência a objetos, estados de coisas, acontecimentos e estados mentais; e semiose supõe também um modo particular de ser dos signos que é interpretar estas duas relações sgnicas anteriores” (Neiva, 1990: 18). Nesse caso, o reconhecimento de “funções relacionais” não implica fixação de posicionamentos sobretudo porque o que importa é a dinamicidade do ato e suas diferentes mediações. Com isso se pode aferir o seguinte: aquilo que foi válido para a interação verbal ou para a emissão-recepção a partir de um código comum não se aplica a nenhuma instância da comunicação mediada pelo simples fato de que aqui o dispositivo elementar da produção de mensagens é a modelização de linguagens e a recodificação ou reprocessamentos de códigos culturais. É com base nesse fato que é possível pensar na formulação de um modelo alternativo ao diagrama espacial teleológico: em vez de uma emissão destinada a um fim, os sistemas culturais promovem interação descentralizada, simultânea de textos. Isso só nos parece possível se, em vez de um diagrama fundado na noção de transporte unidirecional, considerarmos o circuito dialógico de funções de complementaridade onde nem mesmo o código é sistema invariável mas, sobretudo, sistema dinâmico.

Ainda que as teorias da comunicação tenham adotado a transmissão como eixo de análise da mediação, é preciso redimensionar os estudos que, embora tenham igualmente reconhecido a importância da teoria matemática da informação e da comunicação, propuseram uma alternativa de valorização da interação pela linguagem. Gostaria de valorizar aqui as investigações no campo da semiótica da cultura que nasceram de uma reflexão crítica do diagrama espacial e desenvolveu, por exemplo, o conceito semiótico de código e o funcionamento dialógico da linguagem (formulados por Roman Jakobson); a teoria da enunciação e do dialogismo (formulados por Valentin Volochinov e Mikhail Bakhtin); a noção de linguagem dos sistemas culturais como auto-organização de mensagens e de cultura como texto (formuladas por Iúri Lótman). Trata-se de formulações que se desenvolveram no contexto da comunicação na cultura longe, portanto, de modelos abstratos e de diagramas espaciais. Examinaremos aqui do funcionamento dialógico da linguagem e da auto-organização de textos culturais em



espaços de interação como alternativas para a abordagem semiótica da comunicação, fora, portanto, da engenharia, da matemática e, principalmente, do marketing.

Tais são os encaminhamento propostos com vistas a uma revisão crítica do modelo teórico da comunicação. Enquanto a revisão de Jakobson defende o circuito dialógico da enunciação e a noção semiótica de código, a revisão de Lótman distancia-se da base lingüística e descaracteriza o primado da língua como a única linguagem da cultura. Se o pensamento de Jakobson delinea a abordagem semiótica da comunicação, a proposta de Lótman avança rumo a uma semiótica da cultura onde a comunicação é, sobretudo, tarefa de encontro entre diferentes códigos, linguagens, sistemas culturais. Afinal, é a cultura o espaço privilegiado da produção de signos “fora do qual nem a comunicação nem a semiose são possíveis” (Lotman, 1996: 24).

A interação no circuito dialógico

O ponto de partida aqui é a lingüística onde se consagrou de certo modo o diagrama espacial e as formulações que entendem a língua como fruto de um código único e como único sistema produtor de linguagem na cultura. Não é esta tendência monológica que interessa aqui, mas sim a problematização deste modelo, base de uma semiótica da comunicação. Nele o diagrama espacial é redesenhado a partir da semiose da enunciação.

Ainda que tomasse como ponto de partida o modelo de transmissão concebido pela teoria matemática da informação e da comunicação, o lingüista Roman Jakobson (1971) procurou entender nele, não a engenharia da transmissão para a qual o modelo abstrato apontava, mas sim o funcionamento semiótico da linguagem circunscrita no processo. A valorização do funcionamento apresenta uma possibilidade de revisão do diagrama no sentido de construção de uma epistemologia, tal como a entendeu Muniz Sodré na epígrafe que abre este estudo. Em vez de um transporte linear, o estudo de Jakobson sobre as funções da linguagem desenha um circuito dialógico em que o código é compreendido como metalinguagem e os agentes da cena comunicativa, emissor e receptor, não representam papéis fixos, mas se alternam uma vez que, potencialmente, todo falante é ouvinte e vice versa. A mensagem, nesse sentido, não se confunde com informação ou conteúdo referencial, mas como dimensão sígnica, o que lhe permitiu compreender nela a função poética. Tampouco o código pode ser reduzido a sinal;



código apenas a representação tradutora, um sistema de invariáveis no contexto de variações.

Quer dizer, a comunicação não é pensada em função de um modelo matemático abstrato mas sim no contexto da estrutura funcional da linguagem, vale dizer, da enunciação, como procurei discutir em outro estudo (Machado, 2001). “Desde que a linguagem é para nós, antes de mais nada, um instrumento de comunicação, é a função comunicativa e os meios que a servem que são os mais facilmente observados, isolados e analisados pelos falantes” (Jakobson, 1990: 99). Estamos longe de afirmar que a estrutura da linguagem se desvincule de sua natureza dialógica. Se assim fosse, como seria possível identificar, na cadeia discursiva, a interatividade da troca, em que o ouvinte se torna falante fazendo do circuito da responsabilidade um ato dialógico por excelência? Como entender o caráter semiótico do código cujo valor de uso mobiliza tanto os constituintes invariáveis quanto as variações, a ponto de ser recodificado de acordo com circunstâncias específicas? O diálogo é a realidade dinâmica disseminada por todos os níveis da linguagem porque o que o agencia é a troca interativa e não a mera transmissão.

Nem mesmo o processo de aquisição da linguagem escapa do diálogo. Aprendemos a falar não através de manuais, mas através de gêneros discursivos instaurados no circuito comunicativo das interações sociais, diz Bakhtin. Para Jakobson, a aquisição da fala pela criança é dialógica em vários níveis. Um deles é a reação ao meio lingüístico que a cerca. Nesse caso “a tendência a se adaptar ao interlocutor é tão forte que a criança tenta responder a um sussurro com um sussurro, a uma voz alta ou baixa com uma entoação similar. Sua fala se constitui assim numa espécie de réplica” (Jakobson, 1990: 95). É no diálogo, na troca, que a linguagem entra em ação. Em seus estudos sobre a afasia (Jakobson, 1971: 34-62), Jakobson define a fala como a capacidade de selecionar entidades lingüísticas e combiná-las em unidades, segundo diferentes graus de complexidade. “Quem fala”, diz Jakobson, “seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enunciados.” Quem fala “é apenas um usuário, não um criador de palavras” (Jakobson, 1971: 37; 38).



O circuito dialógico é a fonte do conceito jakobsoniano de enunciação: o conceito de linguagem em ação³. Linguagem em ação é, pois, o estudo da língua entre diferentes linguagens, ou da língua em suas fronteiras, num diálogo amplo e aberto com diferentes manifestações culturais. Foi em suas incursões pelo cinema, em meio ao estreito convívio com a arte do construtivismo russo, que Jakobson descobriu a língua como um dos sistemas semânticos possíveis dentro de um universo diferenciado de signos. Tal como a Terra é apenas um planeta dentre muitos, a língua é apenas um sistema semiótico que gravita em meio a outros. Sua importância, contudo, não é hierárquica, mas se deve ao fato de ser a língua o sistema que se confunde com o próprio homem, uma vez que está nele e se expande a partir dele. Com tal descoberta, Jakobson passa a focalizar a linguagem segundo a concepção galileana do universo que revolucionou nossa visão de mundo. Existe uma capacidade de transferência na linguagem que torna possível a aproximação entre vários sistemas de signos. Hoje podemos entender essa formulação como uma certa profecia: afinal, nunca se falou tanto em linguagens e textos; interação e expansão. Evidentemente o potencial dialógico da linguagem vive um momento de plenitude.

Esse é um momento oportuno para se retomar teorias fundadas no exame das relações que o homem mantém com o mundo por meio da linguagem. À luz do conceito de linguagem em ação, o esquema da comunicação de onde Jakobson derivou as funções da linguagem deixa de ser uma via de mão única. Na verdade, trata-se de um circuito dialógico bem configurado, uma vez que o ouvinte tão logo receba uma mensagem torna-se emissor, exercitando sua capacidade responsiva. Graças a isso, visualizamos uma outra configuração para o consagrado esquema de Jakobson.

Se o centro da investigação de Jakobson é a linguagem em funcionamento, a linguagem em ação deve ser entendida como linguagem em ação discursiva, quer dizer, a língua e tudo o que gravita em torno dela, que integra a enunciação, e não se restringe ao verbal. Essa concepção levou Jakobson a buscar nas teorias da comunicação e na cibernética elementos para entender a ação responsiva da linguagem como reação⁴ e controle. Centralizou no código sua investigação e nele vislumbrou mutações,

³ "Linguagem em ação" é título de um estudo de Jakobson sobre o poema *The Haven* (O Corvo) de E.A. Poe, publicado em *Poética em ação* (org. João Alexandre Barbosa). São Paulo, Perspectiva, EDUSP, 1990, pp. 255-65.

⁴ Estamos usando reação no sentido que lhe atribui a física nuclear: reação em cadeia que se amplia indefinidamente. Um termo, aliás, bastante apropriado para definir a noção jakobsoniana de linguagem em ação ou a língua entre as linguagens dentro de um universo em expansão e em interação, onde nada está isolado.



transformações, complementariedade, de tudo aquilo que faz da linguagem "um jogo conjunto de quem fala e de quem ouve contra as forças da confusão" (Weiner, 1993: 90). Tal é o ângulo de visão em que Jakobson se posicionou para apreender a linguagem em funcionamento ou melhor a linguagem em seu processo de significação. Por que razão Jakobson entendeu o código como elemento da ação dialógica da linguagem? Basicamente porque no código se evidencia claramente duas forças em luta: a conservação e o exercício da liberdade. Com base em tal formulação que Jakobson não apenas apresenta o conceito semiótico de código como dá margem à compreensão de sua expansão para fora do sistema dos signos verbais onde se situou o lingüista para suas pesquisas. É aqui que seu pensamento mostra o diálogo entre lingüística e comunicação; língua e linguagem. Se coube a Jakobson abrir o caminho, coube a Iúri Lótman a avançar nas proposições que transformaram a semiótica da comunicação em semiótica da cultura.

2. Auto-organização das linguagens nos sistemas semióticos da cultura

A noção de língua como centro unificador da linguagem da cultura consagrou uma linha de pensamento não apenas na lingüística mas também na teoria da comunicação e da informação. O modelo abstrato, formulado por Shannon & Weaver, que resultou no conhecido diagrama espacial da transmissão de mensagens, serviu não apenas para a compreensão do processo de transmissão das mensagens entre máquinas, como também se estendeu para toda a comunicação. A propagação dos meios de comunicação tecnológicos, ainda que mergulhados no processo de interação social, foram sempre focalizados a partir desse modelo. Os estudos de Iúri Lótman, que se encaminham para a constituição da teoria semiótica da cultura, colocaram em questão não apenas a noção de transporte unidirecional, previsto no mecanismo de transmissão da informação, como também o transporte dessa teoria para a compreensão dos sistemas da cultura. É no contexto de sua revisão crítica que podemos situar a reivindicação de Lótman sobre o desenvolvimento de linguagens distintas pelos diferentes sistemas de signos da cultura. Os pontos básicos dessa revisão foram desenvolvidos em suas formulações sobre os paradoxos da comunicação (Lotman, 1985: 49-51), onde ele problematiza o conceito de linguagem, de texto e de semiose no espaço cultural.

O ponto de partida foi reconhecer a precedência dos estudos lingüísticos sem contudo deixar-se amedrontar pelo seu domínio. Prova disso é que, para Lótman, a forte



presença do legado lingüístico não impedia que a Semiótica entrasse num novo período de seu desenvolvimento histórico, por mais paradoxal que isso pudesse parecer. Afinal, ele reconhecia que toda pesquisa semiótica revela sempre algum tipo de paradoxo.

Um dos grandes paradoxos no escopo geral do funcionamento dos sistemas de signos, à luz do diagrama espacial, é a noção de comunicação como transmissão da informação de um pólo emissor rumo a um pólo receptor, cumprindo uma trajetória exata a ponto de considerar qualquer interferência como “ruído” revelador da “imperfeição” do funcionamento do sistema (Lotman, 1985: 50). Aquilo que pode ser entendido como perfeccionismo para a eficácia do sistema foi o que levou Lótman a rever criticamente a propriedade desse pensamento na compreensão da comunicação na cultura. Na verdade, o modelo funciona porque se aplica tão somente a sistemas de baixa, ou quase nenhuma, complexidade. Por conseguinte, nada diz do funcionamento de processos comunicacionais de alta complexidade. Essa postura reflete a coerência do pensamento de Lótman uma vez que ele não acreditava que, em se tratando de semiótica dos sistemas da cultura, seria impossível tomar um modelo simplificado para se compreender os sistemas complexos. Reconhecer nas linguagens simplificadas modelos das linguagens da cultura que conjugam diferentes graus de hibridismo é apenas um paradoxo apoiado em outros.

A noção de que emissor e receptor de mensagens são instâncias distintas no processo comunicativo se constitui no outro paradoxo examinado por Lótman. Os teóricos da informação conceberam emissão e recepção, codificação e decodificação, como atividades distintas e inconfundíveis. Ainda que se sirvam do mesmo e único código, uma instância cumpre apenas o papel de codificar a informação cabendo, à outra, a tarefa da decodificação. O pólo de recepção é, assim, um automatismo cuja ação se limita a decodificar exatamente o que foi codificado. A eficácia do sistema está vinculada à previsibilidade de suas ações. Além de falsa noção de emissor e receptor como entidades distintas, o problema maior é desconsideração da dimensão dialógica do circuito interativo e da noção semiótica de código, base do pensamento de Jakobson.

Contudo, o paradoxo maior do conceito de comunicação como transmissão é, para Lótman, a idéia de que a cultura “fala” uma língua única. Essa também é uma herança da necessidade de código único para garantir a criação de algoritmos que possam ser codificados num pólo e ser decodificado no outro garantindo a eficácia do sistema.

Para pensar o primeiro paradoxo, Lótman empreendeu uma compreensão das linguagens na cultura de modo a acolher tanto os modelos simplificados quanto os de grande complexidade. Tendo em vista que “por linguagem entendemos todo o sistema de comunicação que utiliza signos ordenados de modo particular” (Lotman, 1978: 35), Lotman distingue três conjuntos distintos: as línguas naturais (os idiomas nacionais); as linguagens artificiais (notações científicas, sinais convencionais, as linguagens simplificadas); e as linguagens secundárias (os sistemas de modelização secundária). Essa compreensão foi se aprimorando ao longo do amadurecimento e aprimoramento do sistema teórico proposto como sistemas modelizantes, aqueles sistemas construídos a partir de códigos culturais que são, eles próprios, recodificações. O processo de modelização se situa no extremo oposto a simplificação uma vez que só existe mediante a semiose de códigos culturais. Logo, Lótman avança sua análise no sentido de superar a fragilidade do modelo abstrato que deu suporte à teoria da comunicação e da informação, revelando-se inoperante, contudo, para se pensar a comunicação nos sistemas da cultura. Nesse ponto, o pensamento semiótico de Lótman se distancia não apenas dessa teoria como também da lingüística.

O segundo paradoxo já fora naturalmente rebatido nos estudos sobre o dialogismo, particularmente quando Mikhail Bakhtin examina como, num circuito de responsabilidade, os papéis são relativos e intercambiáveis. Até mesmo de um ponto de vista lingüístico Jakobson também reconheceu, igualmente, que aquele que ouve é um falante potencial. A contribuição de Lótman foi a compreensão de que, ainda que se considere o modelo da teoria da informação, na cultura a informação nunca é transmissão no espaço mas sim no tempo (Lotman, 1978: 36). Os indivíduos constroem códigos culturais recodificando códigos disponíveis em outros sistemas. Aquele que “gera” a informação, também a transforma graças ao dispositivo de memória. Na dimensão temporal, os sistemas são exemplos de auto-organização e a relação entre os sistemas são processos de auto-comunicação. Isso é impensável no diagrama espacial onde os participantes do cenário comunicativo tem papéis isolados.

O terceiro paradoxo, o da língua única, Lótman problematiza no campo conceitual da Semiosfera, não sem antes amadurecer sua compreensão da semiose no processo de modelização. Vale lembrar que, os primeiros estudos sobre os sistemas modelizantes trataram dos aspectos sógnicos da linguagem a partir de conhecimentos filosóficos, lingüísticos; dos estudos sobre o folclore e crítica literária. Na história da ciência eslava, a lingüística sempre foi um difusor das idéias semióticas em outros



setores das ciências humanas. Diferentemente dos outros países, no mundo eslavo, as ciências sociais estão unidas pela influência lingüística comum e se reconhecem com semióticas. Por isso, a denominação semiótica dentre os semioticistas da cultura refere-se à ciência abstrata sobre as propriedades universais dos sistemas sígnicos e a orientação científica do que nos outros países é estudado pela antropologia cultural psicologia social, etnografia, poética crítica da arte. Por isso, para Lótman e os demais semioticistas, não foi difícil chegar à compreensão da realidade semiótica da cultura como a de um poliglôto de uma massa diferenciada de linguagens em funcionamento. O que lhe mostra que a cultura caminha para a abundância, não para a economia.

Tendo em vista esses paradoxos Lótman afirma: “os estudos semióticos não podem ser reduzidos a um único mecanismo de transmissão da informação” (Lotman, 1985: 51). Essa é apenas uma de suas funções, importante, mas superficial. A tarefa primordial do sistema semiótico, o que lhe define enquanto tal, é a produção da mensagem nova, “um intelecto *sui generis*”, fruto da consciência de um mecanismo coletivo. Esse é o mundo para o qual se volta o estudo da Semiosfera que, “depois de ter assimilado a experiência da Lingüística se encaminha para a Culturologia” (Lotman, 1985: 51).

O que é mais importante destacar dessa introdução é o problema que justifica a surgimento de uma nova teoria. Ainda que Jakobson e Bakhtin tenham apontado para a insuficiência do modelo de língua única, para a intercambialidade dos papéis, o fato é que, a teoria da informação e da comunicação fixou as bases de um pensamento diagramático que contaminou todos os campos voltados para a compreensão dos processos comunicacionais. Entendendo esses processos, bem como os meios de comunicação, como sistemas culturais dotados de códigos e linguagens próprias, Lótman apresenta uma alternativa teórica para redirecionar o conhecimento que se constrói a partir da descoberta de um problema semiótico. Para alcançá-lo é importante compreender o que Lótman formulara em seu exame sobre semiótica e ciência no século XX.

Para Lótman, o dispositivo de memória revela a capacidade de auto-organização do sistema. Contudo, tal capacidade não pode ser pensada no contexto do diagrama espacial de transmissão. Ainda que reconheça que “uma das premissas da moderna culturologia é que existe um vínculo orgânico entre cultura e comunicação”, Lótman não concorda com a simples “transferência de modelos e termos tomados da teoria da

comunicação para a cultura” (Lotman, 1990: 20). Segundo seu ponto de vista, o diagrama espacial da comunicação a partir do qual Jakobson formulou as funções da linguagem prestou grandes contribuições à semiótica; contudo, trouxe muitas complicações para a compreensão do mecanismo cultural.

Contra a idéia de um mecanismo de transmissão, apoiado na relação emissor//receptor ($EU \rightarrow ELE$), Lótman propõe recuperar o direcionamento abafado pela predominância do anterior, a relação semiótica $EU \leftrightarrow EU$. Por mais paradoxal que tal relação possa parecer, a cultura funciona assim. Não se trata de um sistema de transmissão de informação no espaço com função mnemônica, mas de um sistema auto-comunicativo no tempo. No sistema $EU \rightarrow ELE$, o código e a mensagem são invariáveis; no sistema $EU \leftrightarrow EU$, o portador da informação permanece o mesmo mas a mensagem se modifica e adquire um sentido novo no processo comunicativo. A mensagem é recodificada (Lotman, 1990: 20-22). É a qualidade da informação que se transforma, não a quantidade. Do ponto de vista do pensamento semiótico de Jakobson, a mensagem se volta para ela mesma.

Existe, pois, na cultura, tendências diferenciadas a serem consideradas. As tendências orientadas para a transmissão de mensagens são mais dinâmicas. Elas desenvolvem mecanismos para o aumento do número de textos *ad infinitum*. Esse é um posicionamento que Lótman formula tendo em vista a proliferação de meios de comunicação na cultura contemporânea que se torna, assim, o exemplo vivo da cultura orientada para a transmissão de mensagens, o que justifica o transporte das teorias da informação e da comunicação para o conjunto da cultura, ainda que suas formulações teóricas tenham explicitado todas as implicações desse procedimento.

As tendências orientadas pela auto-comunicação mostram-se capazes de grande movimentação, mas são menos dinâmicas (Lotman, 1990: 35). Diferentemente da transmissão que acontece no espaço, a auto-comunicação se desenvolve no tempo. O mesmo poema que foi lido/cantado pelos cavaleiros da Távola Redonda, se tornaram signos gráficos, ao serem escritos na página impressa, quanto signo audiovisual, ao se tornarem filme para exibição em cinema, caso de *Indiana Jones* ou jogo para ser processado por um programa do meio digital. Ainda que a mensagem permaneça a mesma, os sistemas de signos culturais se transformam e, conseqüentemente, o sentido se enriquece com as diferentes semioses. Em vez de transmissão de informação, estamos diante de um processo de semiose, de transformação dos sistemas de signos.

Se o objetivo é rever teorias e propor conceituações, vale considerar as formulações que o teórico de cinema Yuri Tsivian realiza no sentido de compreender o cinema em sua recepção cultural, vale dizer, como texto em interação com outros textos na cultura. Para Tsivian existe uma distinção entre semiótica como uma disciplina sobre comunicação e o que Lótman define como semiótica cultural. A distinção reside no ângulo da pesquisa. “A semiótica da comunicação examina o modo como as pessoas transmitem informação, por isso o modelo é a situação *pessoa – texto – pessoa*. Dentro desse modelo o melhor texto é aquele que atende mais prontamente os propósitos da comunicação. Quanto mais claro é o canal, mais eficiente é a transmissão da mensagem por ele. Outros sinais que por ventura passem por ele são entendidos como interferências de fundo. A semiótica cultural tem um objeto diferente. Examina os textos tal como eles são processados entre pessoas. Aqui o modelo é *texto – pessoa – texto*, e o maior interesse reside mais na distorção do que na clareza da mensagem. A semiótica cultural, portanto, investiga as discrepâncias entre textos de *input* e textos de *output*. Aquilo que para a comunicação é interferência de fundo ou ruído pode se tornar mensagem na cultura. Novos textos são freqüentemente nascidos como releitura de velhos” (Tsivian, 1991: 104). Em síntese: trata-se de um ângulo de abordagem sobre a semiótica da recepção cultural uma vez que considera aquilo que o receptor é sempre co-autor. Isso é o que está implícito no conceito de usuário: aquele que produz mensagens por meio da manipulação do código que recebe como um leitor que, enquanto lê um livro, põe nele algo seu intervindo na produção do sentido. Isso porque, o texto cultural se organiza internamente a partir de outros textos que podem ser, inclusive, um não-texto, algo que está fora de um determinado espaço cultural.

Com base nesse raciocínio chegamos a um ponto teórico importante de nossa investigação: as semioses da comunicação são processamentos sistêmicos uma vez que não podem prescindir das mediações dos sistemas culturais organizados em textos. Texto no pensamento de Lótman é um nicho semiótico uma vez que pode ser lido como um espaço de manifestação da semiodiversidade cultural. O diagrama unidirecional é substituído por um desenho que considere potencialidades e não pólos (de emissão ou recepção; de codificação ou decodificação). É como se o emissor estivesse sempre no meio do caminho e sua tarefa fosse sempre a de um interventor dotado culturalmente da capacidade de recodificar.

A abordagem aqui proposta como alternativa para se pensar a comunicação do ponto de vista semiótico pode correr um outro risco, que não se limita ao



questionamento de um modelo funcional já consagrado, se for tomada apenas como pensamento isolado de uma prática. Como não é esse o caso, é urgente reconhecer que o contexto de tal formulação ganhou força é aquele que entende a cultura como texto constituído pela interação de sistemas de signos em espaços compartilhados da cultura. Texto é assim um novo domínio de idéias científicas; e o texto como um processo não apenas de transmissão de significados mas sobretudo como gerador de sentidos (Lotman, 1996: 94). Nesse caso o texto e, conseqüentemente, a cultura, é um dispositivo pensante possuidora de uma mente. Segundo Lotman, “o texto representa um dispositivo formado como um sistema de espaços semióticos heterogêneos em cujo *continuum* circula alguma mensagem inicial. Não se apresenta diante de nós como uma manifestação de uma só linguagem: para sua formação se necessitam como mínimo duas linguagens. Nenhum texto dessa espécie pode ser descrito adequadamente na perspectiva de uma única linguagem. [...] O texto é um espaço semiótico em que interagem, se interferem e se auto-organizam hierarquicamente as linguagens” (Lotman, 1996: 96-7).

A noção de texto da cultura de Lotman é uma alternativa ao diagrama espacial sobretudo porque opera com a dinâmica semiótica do código que não é operador comum a uma fonte e um receptor, mas sim uma interação com o contexto. Estamos longe de pensar a mensagem como transmissão e muito próximos da auto-organização: em vez de semiose original (transmissão do sentido), trata-se de transformação do sentido, de semiose. Comunicação tampouco é troca de informação mas sobretudo interação entre organismos. Quando mais a linguagem é entendida como construção de sentido, mais a comunicação se torna uma operação auto-referente. Quanto mais a linguagem se revela potencialmente criadora e diversificada, menos o processo de comunicação serve para exprimir as situações já existentes e torna-se porta-voz de tudo que é total ou parcialmente criado no processo comunicacional. Tal que é a compreensão de Solomon Marcus (1997: 29) que sentimos dialogar com Lótman. Ao afirmar que, “na sociedade da informação, o fenômeno da comunicação sobre a comunicação está exponencialmente aumentando, enquanto a comunicação diretamente relacionada com as situações da vida está um tanto marginalizada” (Marcus 1997: 36), Marcus sugere um processo de auto-comunicação que julgamos típico não da transmissão da informação, mas sim do processamento de dados que mobiliza um outro cenário comunicacional: aquele agenciado pelo signo informático, o novo paradigma comunicacional criado pelas linguagens artificiais de programas computacionais. Tal



mediação semiótica problematiza de tal modo o diagrama espacial a ponto de configurar a comunicação como *design* de formatos⁵, onde as linguagens são modelizadas pela semiose de um espaço de grande complexidade. Nele o circuito dialógico acolhe o circuito de sinais igualmente modelizados por processo cognitivos disponíveis na cultura. Esse é o assunto que espero desenvolver na seqüência dessa investigação que procura desenvolver uma epistemologia da comunicação acompanhando o desenvolvimento de nossa compreensão do funcionamento dos sistemas de signos na cultura. Esta tarefa, como alertara Muniz Sodré na epígrafe a este ensaio, não é um *a priori* mas resulta das experiências vivas dos processos culturais.

Referências bibliográficas

Referências

- JAKOBSON, Roman (1971). *Lingüística e comunicação* (trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes). São Paulo: Cultrix.
- _____ (1990). *On Language* (Linda R. Waugh e Monique Monville-Burston, Eds.). Cambridge & London: Harvard University Press.
- LOTMAN, Iuri M. (1996). *La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto* (trad. Desidério Navarro). Madrid: Cátedra.
- LOTMAN, Jurij M. (1985). *La semiosfera. L'asimetria e il dialogo nelle strutture pensanti* (trad. Simonetta Salvestrini). Venezia: Marsilio.
- LOTMAN, Yuri M. (1990). *Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture* (trad. Ann Shukman). Bloomington & Indianapolis, Indiana University Press.
- MACHADO, Irene A. (2001). Comunicação e estudos enunciativos: a contribuição de Roman Jakobson. *Estudos enunciativos no Brasil. Histórias e perspectivas* (Beth Brait, org.). Campinas: Pontes; São Paulo: Fapesp.
- MARCUS, Solomon (1997). Media and self-reference: The forgotten initial state. In *Semiotics of the Media. State of the Art, Projects, and Perspectives* (Winfried Nöth, Ed.). Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 15-47.
- _____ (1993). From the aboutness approach to the self-referential approach. In *Tracing the Semiotic Boundaries of Politics* (Pertti Ahonen, Ed). Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 371-91.
- NEIVA Jr., Eduardo (1990). *Comunicação. Teoria e prática social*. São Paulo: Brasiliense.
- SONESSON, Göran (1999). The life of signs in society – and out of it: Critique of the communication critique. *Sign Systems Studies*, University of Tartu, n. 27, 88-127.
- _____ (1997). The multimediation of the lifeworld. In *Semiotics of the Media. State of the Art, Projects, and Perspectives* (Winfried Nöth, Ed.). Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 61-77.
- TSIVIAN, Yuri (1991). *Early Cinema in Russia and its Cultural Reception* (trad. Alan Bodger); Chicago & London: The University of Chicago Press.
- VILCHES, Lorenzo (2003). *La migración digital*. Barcelona: Gedisa.

⁵ Ver *Design da comunicação: quando gêneros e formatos são mensagem* (Irene Machado, org.) (no prelo).



WIENER, Norbert (1993). *Cibernética e sociedade. O uso humano de seres humanos* (trad. José Paulo Paes). São Paulo: Cultrix.